

ANTROPOLOGIA E LITERATURA

* Vera L. C. de Almeida

** Lucilia Pedroso

*** Paulo R. Morais

RESUMO

Este texto se propõe a tecer algumas considerações sobre o romance "O Morro dos Ventos Uivantes" de Emily Brontë", do ponto de vista Antropológico.

01. ANTROPOLOGIA E LITERATURA

"A cultura de um povo é um conjunto de textos, eles mesmos conjuntos, que o antropólogo tenta ler sobre os ombros daqueles a quem pertencem" (GEERTZ, 1978; 321). Partindo dessas considerações percebemos que, o patrimônio coletivo emerge na sociedade sob diferentes formas (religião, instituições jurídicas e educacionais, literatura, entre outros) e através dessas formas expressam os códigos e os valores vigentes nessa sociedade. A análise dos fenômenos sociais e suas relações, buscando interpretar os conteúdos por eles representados, tem sido objeto de atenção das Ciências Sociais, uma vez que uma resposta "científica" - estabelecida após acordo com os conteúdos verdadeiro e falso - a essas representações, transformam o avanço da análise numa incessante busca na construção de modelos que possam ser considerados como aproximações da verdade, ou talvez, das verdades que surgem dos valores sociais regulados pelas noções de **bem** e mal.

Considerar a literatura como um fenômeno social é admitir que faz parte da cultura de uma sociedade tanto quanto suas crenças, códigos e rituais, enfim é admitir que representa, através de uma linguagem discursiva, o imaginário social.

* Docente do Cesulon - Mestranda em Antropologia Social - PUC.S.P

** Docente do Cesulon - Filosofia

*** Discente do Curso de Ciências Sociais - UEL

Uma vez nessas condições e, enquanto dimensão da cultura de um período, temos um documento que expressa, ou melhor, revela os padrões de organização dessa cultura. "As sociedades, como as vidas, contêm suas próprias interpretações. É preciso apenas descobrir o acesso a elas" (GERTZ, 1978; 321). Os critérios seletivos dos indivíduos, a memória e os significados, impõem-se como documento passível de ser decodificado através da análise antropológica.

02. IDENTIFICAÇÃO DA OBRA

Título: "O Morro dos Ventos Uivantes"

Título Original: "Wutherings Heights"

Autora: Emily Brontë

Tradução: Raquel de Queiroz

Editora: Livraria José Olympio

Local: Rio de Janeiro

Ano: 1947

2.1. Breves Considerações

"Wutherings Heights" teve a sua primeira publicação em 1847, e é considerado como o melhor exemplo do Romantismo inglês, ou, segundo as palavras de Raquel de Queiroz, no prefácio da tradução citada acima: "talvez o maior livro de ficção escrito por mulher desde que no mundo se conhece a arte de escrever".

O romance faz sua própria apresentação a ocupar posição de destaque entre a lista das grandes obras da literatura inglesa, e porque não, universal. Único romance de Emily Brontë, caracteriza-se, entre outros aspectos, pela concentrada dramaticidade com que a autora o constrói, chegando a ser chamada "a revalizar com King Lear, de Shakespeare" (SENA, 1963;211).

A intensidade das paixões, a densidade dos personagens, a violência do amor e do ódio constituem os elementos característicos do livro e exprimem a profunda riqueza dos sentimentos da autora.

03. ENREDO

A autora localiza a ação ano de 1801, situando-a numa região próxima à província inglesa denominada Gimmerton. A trama desenrola-se tendo como cenário as localidades rurais chamadas "Wutherings Heights" (Morro dos Ventos Uivantes) e "Thruscross Grange", propriedades do Sr. Heathcliff. O novo inquilino de Thruscross Grange, Sr. Lockwood, preocupado em levar uma vida afastada da "agitação mundana" dos centros urbanos, vai ao encontro de seu senhorio em Wutherings Heights com o propósito de se

identificar e encontra em sua frente pessoas frias e rudes, que o impressionam pela maneira como vivem, falam e agem. Após o contato com o Sr. Heathcliff, que é por ele qualificado como alguém muito preocupado em preservar a sua solidão, e, além de estranhar o seu aspecto cigano em contraposição à sua postura de "gentleman", tem rápidos contatos com as outras pessoas "igualmente estranhas" que habitam o local.

Curioso em descobrir maiores informações à respeito daquelas pessoas é levado a fazer uma segunda visita, que em razão do mau tempo, lhe reserva uma noite de sono entre aquelas pessoas. Durante a noite, após bisbilhotar algumas anotações de um tipo de diário feminino, recebe, "em sonho", a visita da autora das palavras que lhe aguçaram a curiosidade devido ao caráter confessional e apaixonado que nelas se encontrava. Assustado e com medo, a reação imediata é de se retirar do local e voltar ao conforto de sua residência em Thruscorss Grence, não antes porém, de revelar ao seu senhorio as estranhas visões e, após isso, presenciar uma cena incompreensível à seus olhos, onde o Sr. Heathcliff lhe revela sentimentos até então não notados e contrários à imagem que dele fazia até o momento. De volta a sua casa, convida sua empregada a narrar-lhe o que soubesse à respeito da trajetória do Sr. Heathcliff. Ellen Dean (Helena Dean, ou ainda, Nelly), a criada, toma a palavra e começa a narrar o que sabe a respeito.

Heathcliff surge então como um órfão encontrado pelo progenitor da família Earnshw em uma de suas viagens à Liverpool, onde, tendo-o encontrado e descoberto sua condição, o recolhe como filho adotivo, batizando-o com o nome do filho que perdera. A própria Ellen Dean fazia parte da família nesse momento (como criada) e presenciou, desde a sua chegada, as maldades provocadas pelas pessoas da família, inclusive por ela mesma à Heathcliff. Hindley Earnshw, filho mais velho da família (que contava com Sr. e Sra. Earnshaw, Hindley, Catarina, e os criados Ellen e José) imaginava que os carinhos do pai, a ele destinados, voltaram-se todos para a figura do filho adotivo e isto fez com que aumentasse claramente seu desprezo ao mais novo elemento da família. Catarina, por sua vez, mostra-se como aliada de Heathcliff, e o tem como amigo íntimo, inclusive para confidências e travessuras. Mais tarde eles descobrem que estão apaixonados um pelo outro e que a sua separação seria algo impossível de se acontecer.

Com a morte dos pais, Hindely retorna de sua viagem de estudos casado com Francisca e assume o papel de "novo patrão", limitando a liberdade dos criados e determinando que Heathcliff deveria trabalhar na fazenda como empregado para sobreviver. Essa situação provoca um distanciamento entre os jovens apaixonados e leva Catarina a tomar contato com a família Linton, onde sofre influências profundas na maneira de se portar, vestir e falar. Edgar e Isabela Linton, filhos do casal, tornam-se sua companhia mais freqüente e um tipo de aversão surge em relação à figura de Heathcliff, provavelmente causada pela maneira de se portar, vestir e falar,

que difere radicalmente de seu novos amigos. Nesse momento nasce o filho de Hindley e Francisca Earnshaw, Hareton, que provoca a morte da progenitora em momento após o parto, o que causa profundo pesar em Hindley, que entra num estado de depressão aliado apenas em mesas de jogo, libertinagem, bebedeiras e maldades provocadas contra o filho.

Heathcliff coloca-se como inimigo de Hindley desde que este retornou à casa. E sofre um golpe violento quando, sem querer, ouve Catarina confessando à Ellen que havia aceito o pedido de casamento de Edgar Linton, mas que estava apaixonada por Heathcliff, porém não poderia casar-se com este em função da sua posição social. Isto provoca a fuga de Heathcliff de Wuthering Heigts.

Catarina casa-se com Edgard e transfere-se para a residência dos Linton, em estado de luto, pois há pouco os pais de Edgard haviam morrido vítimas de uma febre transmitida pela própria Catarina.

Três anos após seu desaparecimento Heathcliff surge em Thruscoss Grange para visitar Catarina que revela extrema felicidade ao encontrá-lo, provocando ciúmes no marido. Heathcliff apresenta-se totalmente mudado, desde a postura e maneira de falar, até os trajes, e portador de uma pequena fortuna que aumenta após submeter Hindley à apostar e perder suas propriedades em mesas de jogo. "Miss" Isabela Linton, revela sua paixão por Heathcliff, e torna-se vítima de sua crueldade após casar-se com ele e comprometer sua herança (parte de Thruscros Grange) com o casamento.

Heathcliff planeja seduzir a jovem e casar-se com ela com a intenção de apoderar-se de Thruscross Grange e despertar o ódio de Edgar, que acaba por renegar a irmã, devido à sua traição para com ele.

Antes mesmo da fuga e do casamento de Isabela, Edgar se vê frente a uma situação difícil, causada por Heathcliff em um encontro que tem com Catarina. Expulsa-o de sua casa e Catarina o desafia a expulsar o amigo com as próprias mãos, o que cria uma situação constrangedora à Edgar, uma vez que Heathcliff se apresenta como um adversário acima de suas forças. Desse confronto resulta a indiferença de Edgar para com Catarina, que promove o surgimento de uma doença ao recusar-se a se alimentar durante certo período de tempo. Durante esse período Heathcliff convence Ellen à marcar um encontro com a patroa na intenção de ter alguns instantes com a sua amada. Edgar acaba surpreendendo os dois amantes Catarina, vítima da intensidade das emoções durante esses momentos, acaba entrando em estado de histeria, e aproxima-se da loucura. O médico que a atende revela a Edgar que ela está próxima de dar à luz e isso faz com que a raiva do marido seja transformada em preocupação. Algumas horas depois Catarina dá a luz a uma menina e não resiste ao estado doentio em que se encontra. Ellen se encarrega de comunicar a Heathcliff e presencia uma cena muito parecida com as confissões de Catarina quando lhe revelara estar apaixonada pelo amigo. Este declara a Ellen acreditar ser impossível viver sem Catarina pois "ela é sua própria alma", utilizando-se do mesmo sentido das palavras confessadas por Catarina a Ellen.

A partir disso, após fracassadas tentativas de reatamento com Edgar, Isabela (sua irmã) consegue fugir de Wuthering Heights, estabelecendo-se longe da região e dá a luz à Linton, fruto de seu envolvimento com Heathcliff. Doze anos depois, Ellen recebe correspondência anunciando a morte de Isabela e comunicando-lhes que deixaria aos cuidados do irmão o filho. Heathcliff toma conhecimento da vinda do menino e obriga Edgar à entregá-lo sob pena de sofrer as conseqüências que uma negativa lhe causariam.

A filha de Edgar e Catarina, Cathy, tenta compensar a falta do primo (Linton) mantendo uma correspondência secreta com o auxílio de Ellen, visto que seu pai a impedira de qualquer contato com Wuthering Heights e Heathcliff. Este por sua vez, vê nos dois jovens a possibilidade que lhe restava para apoderar-se totalmente de Thruscross Grange e conspira a esse favor. Provoca o encontro dos jovens e transforma o que se caracterizava como simples afeição em paixão violenta, arquitetando as vontades do filho e criando expectativas na jovem. Consegue, num encontro simulado, levar Cathy à Wuthering Heights sob o pretexto de sanar os problemas de saúde de Linton com a sua presença. Uma vez em Wuthering Heights, aprisiona Cathy e a obriga a casar-se com Linton antes mesmo que seu pai possa impedir. Edgar, que se encontrava em estado doentio, provavelmente pela falta da esposa, acelerou seu estado de gravidade quando soube da situação e somente nos seus últimos momentos pode ter com a filha que já se encontrava casada.

Após sua morte, Heathcliff toma posse de Thruscross Grange e obriga Cathy a residir em Wuthering Heights, em companhia do marido, que desde criança era pessoa doente e desenganado pelos médicos. Mesmo após as traições cometidas por Linton à Cathy (pressionado pelo pai e através disso, tentando se livrar de sua ira) ela cuida de sua saúde até reconhecer que lhe é impossível lutar contra o inevitável. Linton morre e Wuthering Heights torna-se lugar de sofrimento e angústia para Cathy. José, que desde o início se revelara como fanático religioso, Hareton, filho de Hindley e deformado psicologicamente por Heathcliff e o próprio Heathcliff são suas companhias. Nesse momento, Ellen visita a antiga patroazinha e constata o estado que se encontrava a pobre jovem, totalmente transformada por viver, ou sobreviver, em ambiente tão hostil. Nessa visita, Heathcliff confessa a Ellen mais uma de suas atrocidades e lhe revela o estado de perturbação a que se encontra. Após investir contra o túmulo de Catarina, na ânsia de tê-la nos braços mais uma vez, é surpreendido pela presença do espírito de sua amada e se convence de que é possível um tipo de aproximação entre os dois com uma transformação que, profetiza, está para ocorrer. Heathcliff é levado a um estranho tipo de suicídio, atitude que, como disse a Ellen, propiciaria o encontro dos dois amantes eternamente.

Após isso Cathy se aproxima de Hareton na intenção de manter a convivência mais amistosa e os dois acabam tomando afeição um pelo outro, o que, de acordo com Ellen, tornar-se-á uma união bastante feliz e livre de perturbações, uma vez que o centro de irradiação do mal já não está presente.

Em suma, o que se destaca entre tantas situações no romance é a ação do personagem de Heathcliff, que, empregando toda a sua força para se vingar das pessoas que provocaram a sua separação de Catarina e, num clima de ódio e revolta, vai aniquilando, um por um, todos aqueles que considera seus inimigos, até cair vítima do ódio e egoísmo alimentado pelo seu espírito através da figura de sua já falecida amada, que o leva a praticar o suicídio.

04. O ROMANCE (ANÁLISE)

O romance, assim como a vida da autora, tem como pano de fundo um cenário conturbado em função das transformações existentes na época. O limiar de uma sociedade nova desponta e é a Inglaterra testemunha de profundas mudanças no cenário político, econômico, social e cultural. A emergência do indivíduo como possibilidade histórica e a acentuada distância entre O Homem e O Mundo, provocada pelas novas relações de produção, fazem com que o Romantismo apareça expressando descontentamento em relação ao tipo de sociedade que está se desenhando. A procura em resguardar a harmonia entre O Homem e O Mundo se fazem presentes, e também, a busca de uma unidade maior; com uma visão de mundo em que a poesia e a religião recuperariam seus papéis na formação da universalidade do homem.

De acordo com a hipótese de que cada momento histórico significativo gesta um tipo humano específico e que este, de alguma forma, se manifesta na produção cultural do período, é possível detectarmos a postura da autora e dos personagens em face à essas mudanças que vêm se operando desde o início do século XVI e que mantinham a perspectiva de que o século XIX seria o palco na qual depositariam seus primeiros sinais de concretude e seus resultados práticos no tocante à formação e atuação dos indivíduos.

A partir desse ponto de vista e frente às múltiplas possibilidades de análise que o romance nos apresenta, optamos em trabalhar com a trajetória dos dois personagens centrais, Heathcliff e Catarina, de forma a evidenciar a presença de algumas características que permeiam o romance desde o início até o final da trama.

De forma explícita ou metafórica, a presença de um 'diálogo' entre o natural e o sobrenatural, entre o bem e o mal, entre o positivo e o negativo, que provavelmente estão vinculados à outros binômios, a saber, amor e ódio, crença e ceticismo, espírito e corpo, ordem e desordem, enfim, inúmeras situações que buscam o equilíbrio através do confronto entre extremos, ou sentimentos idéias extremas, deixam claras as perturbações porque passam os dois personagens durante o processo de desenvolvimento de suas trajetórias.

Uma referência à essa situação se apresentou mais claramente quando nos preocupamos em realizar a decodificação dos nomes dos personagens. Com resultados interessantes, notamos certas evidências de que a construção dos nomes e, a partir disso, da personalidade dos personagens (ou vice-versa), obedeciam à uma necessidade latente: a de contrapor os conceitos natural e sobrenatural.

Para estabelecer quais as relações desses conceitos (natural/sobrenatural, bem/mal) junto ao trabalho realizado na decodificação, incluímos, além da tradução dos nomes, o significado e alguns deles, quando necessário, para fornecer maiores esclarecimentos quanto às impressões que temos dos personagens. Ainda, constatamos que alguns nomes, não todos, foram atribuídos em função do significado que possuem através de referências que dão vazão à explicações de caráter simbólico.

Dois quadros foram elaborados para essa exemplificação. Os dois apresentam: nome, a tradução desse nome e o significado (quando necessário) que imaginamos para eles.

QUADRO 01: NATURAL

<u>NOME</u>	<u>TRADUÇÃO</u>	<u>SIGNIFICADO</u>
Heathcliff	charneca/rochedo	terreno árido e inculto, rude
Hindley	moço camponês	-----
Hareton	animal arisco	-----
Lockood	olhar/madeira	visão construída com base na essência individual, na natureza individual

QUADRO 02: SOBRENATURAL

<u>NOME</u>	<u>TRADUÇÃO</u>	<u>SIGNIFICADO</u>
Catarina	pureza	de sentimentos; que podem oscilar em variações de amor e ódio, egoísmo e egocentrismo
José	aquele que acrescenta	se observarmos a atuação do personagem percebemos a que se refere essa qualidade através da insistência no alerta às margens bíblicas.
Isabela	consagrada à Deus	-----

Observamos com isso que a divisão feita pela autora é proposital e, tanto os personagens encontrados na "extremidade" considerada como natural como os da "extremidade" oposta, no decorrer do romance, mantêm um diálogo existencial extremamente significativo para o desenvolvimento dos acontecimentos.

Temos ainda um exemplo que faz com que essas conjecturas criem fundamentos. No caso específico de Ellen Dean, temos como tradução vários significados:

- tocha
- luz
- professor
- membro mais antigo

e, em contraposição à esses aspectos:

- pequeno vale

enfim, desde o início nos deparamos com uma divisão na constituição dos nomes e de seus significados, que são relevados durante a trama através das características presentes em suas personalidades, e que representam a construção de personagens "redondos", ou seja, personagens que possuem várias características, personagens "completos", capazes de amar e odiar, sorrir e chorar, e assim por diante, diferentes de personagens onde a sua performance resulta em demonstrar somente um tipo de característica, ou são bons ou são maus, ou são delicados ou se revelam rudes, enfim, com apenas uma qualidade ou um "defeito". No caso dos personagens de *Wuthering Heights* temos formado o cenário na qual se desenrolará o confronto dos extremos em busca, da harmonia, ao mesmo tempo que encontramos em *Ellen Dean*, o núcleo de mediação desse confronto, mesmo porque se coloca como narradora da trama.

Com base na idéia de que a cultura é a criação, pelo homem, de um mundo de ajustamento e sentido, no contexto da qual a vida humana pode ser vivida de maneira significativa, e, dessa forma, a religião se caracterizaria como a corporificação das mais sublimes aspirações humanas; onde através de sua referência a um além, e por suas crenças referentes à relação do homem com esse além fornecendo uma interpretação supra-empírica de uma realidade total mais ampla - a busca do "sentido das ações", que refletem a busca do "sentido da vida", encontraria seu apoio nessa concepção.

O 'diálogo existencial' presente no relacionamento dos protagonistas, exemplos claros do que seria o "homem da época", refletem as aspirações no tocante à busca da unidade entre homem e mundo.

Heathcliff e Catarina se tornam, a partir dessa ótica, protagonistas da batalha que enfrenta o indivíduo do século XIX e fornecem os recursos necessários para a interpretação de sua condição.

Alguns elementos-chaves se fazem presentes, e, entre eles, podemos destacar a busca do complemento ou da autocomplementação visível nas confissões de cada um dos protagonistas à *Ellen Dean*.

Várias interpretações à respeito da expressão "busca da perfeição" podem nos conduzir a uma maior compreensão do que aqui queremos ressaltar. Uma característica, porém, aproxima todas elas à medida que a tratamos como o centro de pólos distintos e opostos, porém necessários um ao outro para se atingir a plenitude e harmonia situadas nesse "estado de perfeição". A união entre Céu e Terra, entre bem e mal, morte e vida, amor

e ódio, enfim entre dois extremos, neste ângulo de análise, nos explica algumas atitudes tomadas tanto por um, como pelo outro, e esclarecem o sentido de seu comportamentos, em síntese, precisa-se compreender "que a intensidade consiste na cooperação dos opostos através do conflito, e que a harmonia é, essencialmente, uma resolução de tensões irredutíveis" (ZIMMER, 1988; 31).

O trecho na qual Catarina confessa à Ellen Dean seu amor por Heathcliff traz elementos bastante significativos:

"O meu amor por Heathcliff ...é como os rochedos eternos enterrados na terra: fonte de alegria pouco aparente, mas necessária. Nelly eu sou Heathcliff! Sempre ele há de estar no meu pensamento; não como prazer, assim como eu não sou um prazer para mim mesma, mas como o meu próprio ser. Por isso, não falemos nunca mais de separarnos: isso é impraticável" ... (Tomo I, p.101).

"... seja do que forem feitas nossas almas, a dele e a minha são iguais..." (Tomo I, p. 99).

No caso de Heathcliff, as confissões à Nelly foram feitas no período da morte de Catarina:

"Onde estará ela? la, não ... no céu também não ... consumida, não ... onde? (...) Fica para sempre comigo ... toma qualquer forma ... faz de mim um louco" (Tomo I, p. 198) (obs. o personagem está se referindo à "presença invisível" de Catarina).

e também quando se encontrava disposto a aniquilar sua própria vida, para poder estar ao lado de Catarina, que atormentava-o em suas aparições após a morte:

"Eu sabia que ali perto de mim não estava ser vivo, em carne e sangue, mas ... senti que Catarina estava junto de mim, não abaixo de mim, mas sobre a terra (...) Ela estava presente ao meu lado" (Tomo II, p. 14).

"Nelly, aproxima-se uma estranha mudança, cuja sombra me envolve nesse momento () ... Não quero falar dela (Catarina); nem desejo pensar; ...mas gostaria infinitamente que me fosse invisível. A sua presença invoca em mim somente sensações que me fazem enlouquecer..." (Tomo II, p. 182) (**)*

(*) Essas palavras nos revelam nitidamente a consciência do personagem à respeito da "necessidade de morrer" e o quanto esta seduzido pela idéia da transformação, ou melhor, pela "sombra" da morte, como forma de aproximação de sua outra "metade".

“Não posso continuar a viver dessa forma ...eu não posso viver sem a minha alma”. (Tomo I/II, p. 199/183) (***)

A partir desses trechos podemos perceber que tanto um como o outro exigem a presença da sua outra “metade”, seu “complemento”, ou ainda, no caso de Heathcliff, seu “duplo”(1) para que a existência possa ser uma realidade. Mais uma vez temos a confirmação de que natural e sobrenatural se confrontam em busca de unidade, mais uma vez somos tentados a encarar o binômio como uma representação metafórica da busca de complementação e/ou ligação entre homem e Mundo, marcada pela aspiração do irrealizável. Nela aparece o homem, com as marcas humanas de sua oração, muitas vezes aterrorizado diante dos mistérios da existência.

No caso dos dois personagens centrais, a compreensão da própria individualidade e o reconhecimento de sua identidade enquanto ser humano consciente, aliada à capacidade de sacrificar voluntariamente a satisfação imediata em prol da segurança material e espiritual da própria existência levam-nos à compreensão da sua situação de pertencimento e, ao mesmo tempo, de autonomia.

Por isso, a morte, tantas vezes anunciada no decorrer do romance - o encerramento da vida terrestre - assume um caráter de reconhecimento da perda da individualidade, e, no caso de Heathcliff, preocupado menos com a extinção individual do que com a “salvação”, “recompensa” ou “descanso” e “paz verdadeira”, surge como a possibilidade de reter ao seu lado Catarina num estado de imortalidade e, conscientemente, ceder ao bem. Noutra passagem relativa à morte de Catarina, sua conversa com Nelly revela tais impressões:

Nelly: “...sim, ela morreu (...) Foi para o céu, creio eu ... onde nos poderemos todos juntar a ela, se decidirmos abandonar os caminhos do erro, e enveredar pelo caminho do bem...”

Ideal do infinito do que está além daquele mundo sombrio onde somente o imperfeito e plenamente realizável.

Heathcliff: “Então, ela deixou o caminho do mal?” (Tomo I, p. 197)

A partir dessas indicações, temos claro que a obra de Emily Brontë registra a preocupação, presente na época, de se recuperar essa unidade entre Homem e Mundo, através do confronto das noções de Bem e Mal e trabalhadas aqui a partir da comparação com o binômio natural e sobrenatural.

** A heróina mostra-lhe os vínculos do Terreno com o Eterno, além do amor, nos Territórios da morte.

*** É a angústia diante da própria consciência do seu Eu.

(1) - MORIN, Edgar. O Homem e a Morte. Lisboa

Agindo dessa forma, e, criando o tempo, -ou melhor, "descrevendo o seu tempo" a autora nutre a sensação de superar a brevidade da existência e de identificar-se, demiurgicamente com o tempo cósmico, que permanece para sempre indiferente à atitude da vida humana. Gerando o tempo a ficcionista alimenta a ilusão de imobilizá-lo ou de transcendê-lo, e, nas palavras de Heinrich Zimmer em "A Conquista Psicológica do Mal" (1) que se referem a um contexto diferente porém coerente com a temática aqui analisada, o romance "é uma alegoria do autocompletamento através do domínio e assimilação dos opostos conflitantes. O processo é descrito nos típicos termos simbólicos de confronto, perigos, proezas e privações". A solidão existencial vai se tornando fonte de conflitos e o esfacelamento da existência objetiva é cada vez mais marcado pela alienação, pelo caótico, pela morte, única esperança de redenção.

O romantismo sempre apresenta algo de uma vivência eternamente imperfeita, onde a ação e o pensamento no encontro com as forças do cosmos e nas suas relações com a alma, propiciam dolorosos conflitos existenciais. Os atos do eu vão se expandir nos domínios da Vida e do Universo, num mundo pré-existente do qual não se pode fugir, pois a fuga seria o vazio. Disto resulta o paradoxo: ser espírito na materialidade, finito no infinito, temporal mas voltado para o eterno. Paradoxo tão bem captado pela autora. Seu personagem Heathcliff é o desespero que se transforma em revolta, na desesperada luta para compreender a si mesmo e ao mesmo tempo fugir de si mesmo, porque apesar de finito, sente intensamente o apelo do Infinito. E o horizonte da existência, nesse eterno conflito, revela-se tomado pela angústia, pelo medo; carregado de mistério e tédio.

Compreende-se que o verdadeiro centro de todo o enredo está na procura da perfeição, embora esta seja inatingível, mesmo quando colocada no amor.

O amor não se mostra no romance, apenas desejo. É desilusão, sofrimento, porque não se realiza acima da terrenidade. Entretanto, somente ela pode estabelecer os vínculos do terreno que o eterno. E é nos domínios do amor que a presença da mulher adentra os umbrais onde o ser humano busca sua redenção ou a razão de sua perdição.

(1) - ZIMMER, Heinrich. "A conquista psicológica do mal". 1988

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. BRONTË, Emily. **O Morro do Vento Uivante**. Rio de Janeiro, José Olimpio, 1947, 386 p. Tradução: Raquel de Queiróz.
02. BRONTË, Emily. **O Morro dos Ventos Uivantes**. São Paulo, Edigraf Ltda (Col. Excelsior) 2 volumes, 398 p. Tradução: José Maria Machado.
03. ECO, Humberto. O Texto, O Prazer, O Consumo. In: **Sobre os Espelhos e outros ensaios**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1989, p. 100-109.
04. KHËDE, Sonia Salomão (coord). **Os contrapontos da Literatura, Arte, Ciências e Filosofia**. Rio de Janeiro, Vozes, 1984. p. 83-90.
05. MARQUES, F. Costa. **A Análise Literária: Princípios e exemplificações**. Coimbra, Livraria Almedina, 1972, 377 p.
06. MOISÉS, Massaud. **A Análise Literária**. São Paulo, Cultrix, 1977. 270 p.
07. SENA, Jorge de. **A Literatura Inglesa: ensaio de interpretação e história**. São Paulo, Ed. Cultrix, 1963. 469 p.
08. ZIMMER, Henrich. **A Conquista Psicológica do Mal**. São Paulo, Editora Palas Athena, 1988. 228 p.

BIBLIOGRAFIA DE APOIO

01. ALMEIDA, Vera Lúcia Carvalho. O Sentido da Morte. In: **Terra e Cultura - Caderno de ensaio e pesquisa**. Ano V, nº 12, Paraná, Cesulon, 1990.
02. BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. São Paulo, Difel, 1986.
03. -----, **A Poética do Espaço**. São Paulo, Martins Fontes, 1988.
04. HILLMAN, James. **O Mito da análise**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.
05. MOTA, Carlos Guilherme. **História Moderna e Contemporânea**. São Paulo, Editora Moderna. 1990.
06. PÂNDU, Pandiá & Ana. **Etimologia, Significado e Influência do Nome**. Rio de Janeiro, TechoPrint Ltda, 1977.